

NUMERO 15—ANNO II

BARCELLOS, 22 DE OUTUBRO DE 1893

# A LAGRIMA

QUINZENARIO ILLUSTRADO



Saudando e commemo-  
rando a inauguração do Azylo d'In-  
fancia Desvalida no Recolhimen-  
to do Menino Deus, regista o  
primeiro melhoramento mo-  
ral de Barcellos.

DE RELANCE

Jè ne voi aucun motif de traïter les femmes moins sérieusement que les hommes, de leur dénaturer la vérité, sous la forme d'un préjugé, d'un superstition; elles ont droit au devoir, elles ont droit à la vérité, puis qu'elles sont capables de l'une et de l'autre.

(M.<sup>me</sup> de Rémusat, Education des femmes, pag. 33)

Realmente nenhum prefixo sequer pôde haver para que se dê menos attenção á educação da mulher do que á dos homens. Ao contrario, verdadeira e sã doutrina é a sustentada pelo grande evangelizador da educação das creanças.

A educação das mulheres é mais importante que a dos homens, porque a d'estes é sempre a sua obra! Tal é a doutrina de Fenelon, tal é o resumo do seu livro de *l'Education des filles*, trabalho do primeira ordem, que desde logo devia ser estudado, observado e divulgado.

Escreveu-o elle na epoca da maior influencia das mulheres, quando do alto do seu throno romanescos davam á sociedade as formas polidas e graciosas que deviam mudar o aspecto da Europa; e, todavia, tal era ainda o poder dos prejuizos que na presença da corte mais galante do mundo, Fenelon teve necessidade de justificar o seu empreendimento, não sómente com razões de humanidade ou de interesse social, mas com o seguinte principio puramente theologico, que «as mulheres são a metade do genero humano, redimidas pelo sangue de Jesus Christo, e, como nós os homens, destinadas á vida eterna.»

Para lhes ensinar mais alguma coisa do que a cantar, a dansar e a fazer bem as cortezias, fôra preciso invocar os meritos da redempção e protegê-las com o sangue de Jesus Christo!

Os pensamentos de Fenelon foram pouco comprehendidos pelo seu seculo e tem sido muito desprezados pelo nosso, quando a sua obra se apresenta como maravilha de delicadeza, de graça e de genio, em que a virtude é doce como a bondade, e em que a doutrina simples e maternal reflecte o amor de Jesus Christo pelas creanças.

Quantos paizes, quantas cidades ainla hoje desconhecem o mais bello tratado de educação, thesouro de verdade e de sabedoria!

Que admira, pois, a falta absoluta d'educação n'essas camadas e camadas de creaturas, que constituem o grosso das populações ruraes e urbanas, se tem sido sempre descurado tão importante assumpto?

E mesmo nos centros da civilisação, as mulheres serão o que devem ser?

Não nos revela a sua educação ainla a nossa ingratitude, a nossa imprevidencia?

Em geral, mostram todo o ardor pelas frivolidades e uma completa indifferença pelos assumptos da maior importancia. A sua alma, agitada continuamente pelas phantasias do dia, volta-se

com enthusiasmo para as coisas do nada, e é por estas coisas que ellas se desfarçam, se contrafazem, se torturam; que soffrem o frio, o calor, a fome; que destroem a sua saude, que arriscam a sua vida.

Não ha uma conveniente preparação para a vida real, para a vida interior, para os deveres de esposa, para os deveres de mãe, para o bem geral. Ignora-se a economia domestica, desconhece-se a hygiene dos banhos, da alimentação, do vestuario etc., não se pensa no modo de formar o caracter dos adolescentes, nas suas vocações, no seu futuro.

No entretanto todos reconhecem a influencia que a educação da mulher exerce nas diversas sociedades.

Mas não é só a mulher das camadas abastadas ou de certos meios de fortuna que pôde e deve ser educada convenientemente: E' necessario que se estenda o mais possivel este beneficio, para que os resultados sejam mais rapidos e completos.

Compreenderam bem esta necessidade as damas barcelloenses prestando o seu valiosissimo auxilio ao instituto altamente humanitario e util que hoje se inaugura.

Bem hajam, pois, pelo seu precioso concurso, e pela attenção que votaram e continuarão a dispensar á educação do seu sexo, como conhecedoras da alta missão que lhes incumbem em bem das meninas de hoje, que serão as educadoras de amanhã.

Redacção do Commercio de Barcellos



Não ha nada mais sympathico do que exercer a caridade. Consola e dulcifica o coração.

A alma como que sente um prazer espirital; uma nuvem de ouro fulvo envolvendo o espirito; uma mága consolação que nos abençoa, que nos bendiz.

A caridade é; de todas as virtudes, a primeira.

E, quando se exerce a favor da infancia, mais dulcificante se torna.

+

Olhe sempre com aiflor para as eriancinhas.

E, quando as vejo nuas, rötas, desamparadas, este amor transforma-se em caridade.

Se eu tivesse um oceano de ouro—faria todas as creanças felizes...

Porque lhes havia de proporcionar o alimento do corpo e a educação do espirito.

E, como assim faz o Azylo d'Infancia do Recolhimento do Menino Deus d'esta villa, eu o bendigo, eu o saúdo, eu o quasi o adoro!

J. do M.

SINTI PARVULOS VENIRE AD ME

«Deixae vir a mim as creancinhas.»

Ha cerca de 20 seculos que, perto de uma das margens do opulento e decantado Jordão, se ouviram estas palavras suavissimas—«Deixae vir a mim as creancinhas.» Ouvem-se tambem hoje no ASYLO D'INFANCIA DESVALIDA, d'esta villa, como se tem ouvido desde aquella remotissima era em todos os hospitaes, em todos os asylos, em todos os albergues, em todas as escholas, em todas as officinas, em todas as creches, em toda a parte, enfim, onde é reclamada a caridade para calar fundos gemidos, ou enxugar lagrimas candentes.

«Deixae vir a mim as creancinhas.»

Singela phrase, mas outra não ha mais saturada de suavidade e amor. Singela phrase, mas d'ella nasceu a religião purissima da infancia. Singela phrase, mas foi escutada por S. Vicente de Paulo e por tantissimos outros protectores das creanças pobres. Singela phrase, mas derramou enormes beneficios sobre as creanças orphãs e desvalidas. E porque? E' que foi proferrida pela Bondade Eterna, por Christo—essa emanção do ceu, esse reflexo divino do Supremo Deus, transumpto da Justiça e do amor.

Tamanhos beneficios, tão nobre e tão sympathica caridade só podia ter fonte divina.

Hoje, nas sociedades modernas, nas sociedades religiosas, quem se não commove, quem não sente uma paixão intima, perante a pallida, taciturna e andrajosa orphã, que, sem uma esperança e sem umabrigo, tirintando de frio e soluçando de fome, invoça a caridade com os psalms plangentes da miseria e com as lagrimas candentes da desventura?

Ninguem, porque todos escutam e repetem as dulcissimas palavras do Divino Mestre:—«Deixae vir a mim as creancinhas.»

\*

Differentes tem sido os systemas de exercer a caridade para com as creanças. Gerardó proclamou o systema da caridade publica sob a direcção do Estado. Naville aconselhou a caridade collectiva, exercida por meio d'associações. Hoje, porem, está reconhecido que o melhor meio de exercer essa sublime virtude—a caridade—, de atacar a miseria na sua origem e combatel-a em todas as suas phases, é a fundação d'estabelecimentos d'educação e ensino, como o Asylo d'Infancia Desvalida do Menino Deus; porque ali se ministra o pão do corpo e do espirito. Ahi se combatem os vicios da infancia e se corrigem seus defeitos.

Com o conselho, educa-se-lhe o espirito, fecun-

da-se-lhe com o estudo e guia-se-lhe com o exemplo. Ahi, enfim, se educam as creanças. Mas, se a educação é o baptismo da alma, é necessario que o ensino seja bem dirigido para que a alma se não proverta.

As maximas eternas do christianismo devem servir de guia á parte moral das educadas. E, a par da educação religiosa—mas sem o fanatismo, que detesto, porque queima—, requer-se a educação social e industrial. Necessita-se que se ensine o amor ao trabalho e á verdade, e o respeito pela virtude.

Deve ser assim—e eu creio que assim succederá no asylo que ora se inaugura—, para que a caridade exulte, a civilização avance e a humanidade triumphie.

Posto isto, saúdo, com um entusiasmo vehemente, esta grande e sympathica protecção á orphandade; e applaudo sinceramente todos os obreiros d'este grandioso templo da caridade.

Louvo, por egual fórma, as damas barcelleuses, que, sentindo no intimo d'alma aspirações nobilissimas, reuniram-se e agromiaram-se para deporem beijos de caridade nas frentes candidas das orphãs e salvas-as das garras terribes da miseria.

Procedendo assim, contribuis poderosamente para que a estatística do mal diminua e a chronica do bem augmento. Exterminaes o vicio e extinguis o erro.

Continuae, pois, senhoras, a vossa obra meritoria, protegendo as creanças, porque é o unico meio pratico e aproveitavel de continuardes a obra de Christo, como Elle a começou. Como premio, terreis os sorrisos da infancia e as benções de Deus; e não vos arrependereis de ter repetido a memoravel phrase do Salvador:

«Deixae vir a mim as creancinhas.»

Barcellos, outubro de 1893.

Antonio R. Cardoso Pinto.



O Azylo d'infancia, que hoje se inaugura, recolle e educa criancinhas desamparadas, orphãs, pobres, abandonadas.

Arranca d'um monturo de lama uma pedra preciosa.

Porque uma creança é um rubi, quando é bem educada; e é lama quando não tem educação.

Aos benemeritos que assim olham pela infancia, e quem olha pela infancia olha pela sociedade de amanhã, eu os saúdo; eu os bendigo.

Barcellos,

J. do M.

**BEM HAJAM!**

De todas as obras de beneficencia de que a religião christã é a só inspiradora, de todas as manifestações da mais bella de todas as virtudes—a caridade—a mais meritoria, a mais sympathica e não sei se diga a mais humana e christã é-o galharlo ás creanças abandonadas, desvalidas, a quem a sorte adversa alheou os santos carinhos e affectuosos disvelos da familia.

E que isto é assim comprehenderam-no os briosos barcellenses, enriquecendo a sua formosa terra, preguiçosamente reclinada na margem do Cavado que lhe beija os pés, com uma instituição tão sympathica e de tão largo alcance social, cujo encarecimento não cabe nos ensanchos d'um microscopico artigo.

Bem hajam os iniciadores benemeritos de tão santa obra.

E que isto é assim comprehendeu-o a illustrada redacção da «Lagrima» querendo commemorar tão fausto dia para a villa de Barcellos, com um numero especial, que fosse, por assim dizer, mimoso ramilhete de posto pelas pobres criancinhas nas mãos beneficentes dos seus caridosos bemfeitores, ellas que alli vão receber o necessario pão do corpo com o não menos indispensavel pabulo do espirito.

Bem hajam as almas generosas.

Symphathica ideia essa, a que se associa gostosamente, entusiasticamente, o mais humilde collaborador da «Lagrima», saudando-os em nome das innocentes creanças e beijando com ellas as mãos de seus bemfeitores.

Bem hajam todos os que querem salvar a sociedade, educando, salvando as criancinhas, graciosas esperanças de risinho porvir.

*A. Dias Costa.*



Essa santa instituição ultimamente creada e que é a affirmação mais eloquente do progredimento d'esta boa terra, não perecerá jamais, porque ella, exercendo a excelsa virtude da caridade, terá sempre sobre si a benção do ceu, que presa essa virtude como a mais sublime de todas, terá sempre em seu auxilio o obulo caritativo d'este generoso e nobre povo, sempre grande no exercicio dos seus deveres altruistas e as orações fervorosas das mães, cujas filhitas—prestes a resvalar no abysmo da desmoralisação a que a vadiagem e a miseria conduzem.—são n'ella recolhidas e educadas nos sanctos principios do trabalho e da honestidade.

Barcellos, 10—10—93.

*Augusto Mallos.*

**O CANTO DA ORPHÃ**

Salvé, ó Immaculada,  
celeste rosa  
toda formosa,  
Luz de bonança  
Nova alliança  
Das gerações celebrada!

Rainha dos ceus bendicta,  
Quando afflicta  
Minh'alma chamou por ti,  
A este abrigo me trouxeste  
E disseste  
Filha minha estuda aqui.

Vinha em ancias mil desfeita,  
E meu peito  
Deixou logo de pensar;  
Que em teu carinhoso seio  
sem receio  
Comecei de repousar.

Então vi que, noite e dia,  
me cobria  
O teu manto celestial:  
N'este sagrado reanuso,  
Nem de manso  
Entra a vaga murlanala.

Entre puras alegrias  
Vão meus dias  
Deslisando sem temor;  
Tu na lida estudiosa,  
Mãe piedosa,  
Dás alento ao meu ardor.

Tu que guias a innocencia,  
A' sciencia  
E á virtude me conduz:  
tu que és pura, santa e bella,  
Branca estrella,  
Sê meu norte e minha luz.

Salvé, ó Immaculada,  
Nívea assuegua,  
Aurora serena,  
Estrella pura,  
Vida e doçura  
Das gerações celebra la!

Viatodos—1893

*P.º Roberto Maciel.*



REFUGIUM PECCATORUM

O coração que chora resignado,  
tendo perdido as illusões da vida,  
como um passaro em busca de guarida  
acolhe-se ao teu seio immaculado.

E's como um rio azul, rio sagrado,  
em cuja transparencia adormecida  
se transforma a existencia perversitada  
e se lavam as culpas do Peccado.

Bem dita sejas tu, cuja bondade  
tem sorrisos de paz e redempção  
para os tristes que vivem na orphandade,

para a dôr que não tem consolação...  
Bem dita sejas tu, que és a Piedade  
conduzindo a Miséria pela mão!...

Antonio Peijó.



A GRANDE FESTA

Grande e esplendida: ao acto moral da caridade junta o pensamento social do ensino: consagra um facto cheio de vida e affirma um principio cheio de luz!

E' de uma intuição immediata e de uma evidencia deslumbrante; é mais para contemplar-se e sentir-se que para informar-se e descrever-se, o fim resultante d'esta festa sympathica, duplamente sympathica, á qual bem poderiamos chamar um torneio de beneficencia—a mais adoravel das beneficencias porque vale aos innocentes, e uma justa de gloria—a mais perduravel das glorias porque aponta para o futuro.

Asylar e ensinar a *infancia desvalida*, cultivar e educar a creança, é a idea mais creadora que pode irromper d'um cerebro, e o empenho mais enaltecido que pode impulsionar um coração. A escola é uma infiltração radiosa e uma fecundação sublime—uma sementeira feita, á luz da aurora, em terra virgem; e só a escola que instillar á creança a comprehensão da verdade extreme de todos os preconceitos, e levar a creança á pratica da virtude isenta de todos os fanatismos, é a que resolve o altissimo problema que tanto trabalha as localbrações do presente e tanto inflamma as aspirações do porvir.

Ah! cuidar oppertunamente e incansavelmente este gracioso canteiro de pequeninos seres—lindissimas flores mimosas da rica primavera humana; dirigir e robustecer para as pugnas da sociedade e para as luctas da existencia estes tenros e ternos entes que tudo assimilam, de tudo se compe-

netram, em tudo se matizam, tomam-lo, como branda cera, qualquer forma e impressão que se lhes dá; arrancar ás trevas interiores e ás seduções traçoceiras estas creaturinhas tão indefesas pela sua idade, tão insinuantes pela sua captura e tão amaveis pela sua innocencia; desenvolver-lhes as energias do corpo e arrotear-lhes as durezas do genio; aproveitar-lhes a vocação e compor-lhes o caracter; conluzil-as com explicações claras, conselhos prudentes e exemplos frisantes á observancia de todas as virtudes e á aversão de todos os vicios; habitual-as ao espirito de disciplina, ao amor do trabalho e ao sentimento do dever: fazer tudo isto, é diminuir a estatistica do mal e augmentar a chronica do bem, é emprehender o mais transcendente, o mais augusto e santo apostolado, que pode exercitar-se e admirar-se sobre a terra.

Porto, 26—9—93.

Alves Mendes



Applaudo, e nem poderia deixar de o fazer, com todo o coração, a iniciativa tomada pela *Lagrima* de solemnisar com um n.º especial a abertura do novo Asylo d'Infancia no Recolhimento do Menino Deus d'esta villa. E' mil vezes mais meritorio e para louvores o patrão assim por ella levantado em sua carreira, commemorativo d'uma festa de caridade, do que o que ella consagrasse a preconisar e exaltar um grande successo politico, guerreiro, industrial, scientifico ou litterario, por mais nobre e levantado e progressivo que elle fosse. E' que a caridade, desconhecida ao mundo antigo, e nascida com o christianismo, de que o melhor fructo entre os tantissimos opimos que elle produziu, veio resgatar a vida da humanidade em sua enorme maioria dos ergastulos sem luz a que ella até então condemnada e em que opprimida pelo mais feroz e desencadeado egoismo de meia duzia de poderosos e redimir seus cadaveres das gemonias em que apodreciam, e desde então tem ella brilhado sempre como a mais pura e a mais nobre, e como a primeira, apesar de ser a ultima, e talvez por isso mesmo que o é, das virtules christãs.

Mas se a caridade é sempre a bem vinda, a bemquista, a abençoada, quer quando dá de comer a quem tem fome, quer quando dá de beber a quem tem sede, ora quando veste os nus, ora quando visita, soccorre e consola os enfermos e encarcerados, quer quando dá abrigo aos que o não tem, quer quando abre sepultura condigna aos mortos, muito mais radia ella, floresce e fructifica quando tende e tem por alvo e mira o remir a infancia desvalida, na sua parte mais debil, das agruras e torpezas da vida a que votada, por seu desamparo e miséria no tristissimo meio

## A LAGRIMA

social em que vivemos, furtando-a á fome, á ignorancia e á desmoralisação, os seus tres mais cruéis inimigos, para lhe dar bom conselho e bom exemplo, proficuo ensino, consolação piedosa e christã, castigo educativo e moralizador, preparando-a para ser util á si e á sociedade.

E isto é o que leva em vista o novo Asylo d'Infancia creado no Recolhimento do Menino Deus d'esta villa, e isto é o que saúdo n'elle, applaudindo a iniciativa da *Lagrima* em commemorar, com n.º especial, tão nobre e levantado feito, assim como applaudo, reverenciando-os, todos os benemeritos que conceberam seu plano, e lidaram, por todos os meios, em traduzil-o na realidade que hoje ahi vemos e admiramos.

Apulia 28 de setembro de 1893

Rodrigo Velloso



### A'S CREANÇAS

O' creanças, cheias de graça,  
Eu vos saúdo, almas em flor!  
Quem pudéra beber na taça  
Do vosso vinho embriagador!...

O vinho astral da Infancia! O vinho  
Que os Anjos foram vindimar,  
—E que nunca mais no caminho  
Haveis de beber, sem chorar!

Julio Brandão.



Existe n'esta villa de Barcellos um monumento, que é um poema de granito, em que se cantam as crengas religiosas dos nossos tempos de ouro.

O indifferente no religioso da segunda metade d'este seculo, tendo derruido muitas instituições congeneres, ao passar em frente d'aquelle monumento, abalut-lhe as paredes, e quasi que apagava os caracteres diamantinos d'aquelle poema, que é para nós uma reliquia veneranda.

A nobre villa de Barcellos, que adora o seu passado, e vela pelo seu futuro, conjura heroicamente os esforços satanicos do indifferentismo religioso, inimigo formidavel da verdadeira liberdade, da civilisação e do progresso, empenhando-se nobremente, fidalgamente, pela conservação e augmento d'aquelle precioso legado de nossos avós. O antigo convento das Beatas do Menino Deus

é transformado, d'um cenobio sem luz e sem ar, em ninho de andorinhas, que, batidas pelas inconstancias do tempo, e feridas pelos revezes da sorte, irão encontrar ali, ao abrigo sacrosanto da Cruz e ao almo sol do trabalho, todo o alento, de que carecem, para voarem rasgadamente por sobre a estrala, que as levará á virtude e ao bem.

Em nome da minha divina religião, de que sou ministro, e da minha querida patria, de que sou filho, consigno aqui um voto de reconhecimento a todas as damas e cavalheiros, que tão sympathicamente se tem empenhado pelo engrandecimento d'aquelle instituto, distinguindo-se n'esta cruzada, que é uma gloria, que é um triumpho.

Antonio Paes—Abade de Roriz



### A EDUCAÇÃO DA INFANCIA

Conheço e almiro, nos arrojos da sua elevação philosophica e essencialmente moderna, a escola e os processos dos que negam á *educação* toda a acção e influencia determinante sobre os actos humanos.

E—sem embargo do enleio, em que nos deixa tamanho, tão genuino e tão bem intencionado esforço do genio humano—ainda sou dos poucos, que creem na efficacia da *educação* e confiam muito nos seus poderosos e honnissimos resultados.

E' desnecessario esclarecer que nos referimos á *educação* na sua acceção mais ampla e completa.

Pois—se ella, quando bem dirigida, pôde modificar profundamente as condições do *ser*—como contestar-lhe a acção fecunda e retemplora, em nome d'um *determinismo*, tão falso como o campo em que se colloca e comot-las as considerações d'esta ordem, que se não fazem nos molles d'uma rigorosa *observação experimental*?...

Inutil e baldia a pretensão!...

E' necessario, porem, que esta questão da *educação* da mulher não nos absorva por completo, com o caracter de uma preocupação, mais ou menos gentil e romanesea.

Cuide-se, sim, da *educação feminina*, preparando as boas esposas e as boas mães; mas não se desocure, tambem, a *educação masculina*, porque os rapazes de hoje serão os homens de amanhã—os poderosos «titans» a quem o Futuro confiará a sua grande e radiosa obra.

O *estabelecimento*, que hoje se inaugura, é um esboço promettedor do muito que ha, ainda, a fazer entre nós n'esta materia da *educação da infancia*.

Bem vindo, pois, e honra seja aos seus benemeritos fundadores!...

## A LAGRIMA

E, com as nossas saudações, ahí ficam também os votos mais vehementes, para que *J. Ex.<sup>as</sup>*—appellando para o esforço de todos, que possam carrear uma pedra ou contribuir com a mais diminuta das parcelas—completem, com a brevidade que as circumstancias reclamam, a grande e luminosa obra, que tão brilhantemente acabam de iniciar.

Barcellos 4—10—93.

*Luiz de Novaes*



### CHARIDADE

(Na inauguração do Recolhimento do Menino Deus de Barcellos)

N'aquella noite sagrada  
Em que o Menino nasceu,  
Nossa Senhora, cançada  
Da caminhada que deu,  
S'pôde encontrar pousada  
No palheiro d'um judeu.

S. José, todo poento  
Da fuga d'aquelle dia,  
Sem um queixume, um lamento,  
Em vez de chorar, sorria,  
Por ter descanço um momento  
A linda Virgem Maria.

A noite era azul e clara.  
Uma estrella despointou  
Quando o gallo annunciara  
Que a meia noute soou.  
E a Virgem, que se deitara  
Sobre a palha, descançou.

Nossa Senhora, accordada,  
Dizia, cheia de fé:  
—Bemdito quem dá pousada  
«A quem tão misero é.»  
—Bem dita esta hora sagrada,  
Responci, S. José.

D'ali a pouco vagia,  
Talhado para una Cruz,  
Christo, mais lindo que o dia,  
Christo, mais bello que a luz.

N'essa hora santa, nascia  
A charidade, e Jesus.

Povoa 19—9—93.

*Alberto Pimentel.*

## DOIS CAMINHOS

Nevara toda a noite; e, pela manhãzinha cedo, cahiram uns flocos brancos, rendilhados, muito brancos, que pratearam o sólo, assim como um tapete de crystal, assim como a marulhagem mansa da queda d'agua n'um açude, e deixaram as urzes do monte todas alvas, a salientar-se, como chapéus de senhora, brancos, de rendas esbicadas... Mesmo na encosta, o cazobre de madeira da tia Engracia.

Dez horas. O sol principia a romper a neblina cerrada. Uma restea luminosa, branda e doce como um fio de mel escurrido d'uma amphora de oiro, entra pela trapeira do cazobre, e põe na defunada habitação uma nota alegre, a suavidade d'um bem estar á réca, nas manhãs frigidíssimas, o corpo tiritando todo e as mãos arroxeadas... Abriu-se a porta. De dentro, sahio uma grossa lufada de fumo espesso, fumo de lenha verde; e, como impellidas, duas creancitas loiras, cabello ondado, muito brancas da face, os olhos vermelhos da fumarada. Acocoraram-se, encostadinhas ao tapamento da cortelha das ovelhas, uma ao pé da outra, a receber o bom sol de Deus, tão meigo como ellas, tão consolador...

—Venha p'ráqui, madrinha.

A tia Engracia foi também, fiando, da sua roca, uns fios muito finos, das estrigas de linho que tinha assedado á lareira.

—Bem dito seja Deus! Este sol é tão bom...

Passa, no caminho fronteiro, o dr. Galvão.

As pequenitas, com as mãos erguidas, foram pedir-lhe alguma cousa, que tinham fome...

Condoeu-se o dr. Galvão, e perguntou-lhes:

—De quem sois vós?

—Somos da tia Engracia.

—Ah! da tia Engracia... Filhas d'aquella pobre rapariga que eu operei no hospital!

Todo o caminho, até casa, foi o dr. Galvão pensando na desgraça d'aquellas duas irmãs gêmeas, filhas da infeliz rapariga, tão nova e tão desgraçada, que elle havia operado, ha seis annos!

—Vamos nós trazel-as para casa, diz o dr. Galvão á esposa, depois de lhe contar a triste situação das duas elegantes creancitas loiras.

—Dizes bem; e, como não temos filhos—adotamol-as a ellas.

Foram as creancitas. Não se differenciava uma da outra. Depois, vescidas ambas igualmente, até o dr. Galvão e a senhora se enganavam.

Mas o genio... esse era differente. A Julia era uma traquinas; a Rosa muito socegada. Foram ambas para a mestrá; ambas fizeram exame d'instrução primaria. A Rosita, um dia, pediu muito á senhora que a deixasse ir ver a madrinha, a mãesinha, como ella chamava á tia En-

## A LAGRIMA

gracia, á avó. Foi. A pobre velhinha, porem, tinha ido para o hospital. Visitou-a lá, e conseguiu ficar a fazer-lhe companhia. Afeiçoou-se muito, n'estes dias, a uma Irmã de Caridade, que tambem muito gostava da elegante e intelligente creança. Fallecida a tia Engracia, com o necessario consentimento do dr. Galvão, a Rosita entrou n'um Asylo dirigido pelas virtuosas irmãs. A Julia, passado pouco tempo, fugiu de casa do dr. Galvão. Que não estava para se ver sempre recolhida como uma freira; queria liberdade...

Trabalhava em casa de uma modista, aos dias, e á noite... ia para casa d'uma amiga!

\*

—Senhora, dizia o dr. Agostinho, peço-lhe toda a sua caridade para com aquella desgraçada mulher, que entrou hoje. O seu estado é muitissimo perigoso.

A irmã Elizabet de Jesus dirigiu-se immediatamente para a enfermaria das mulheres; e, acercando-se do leito da pobre enferma chegada n'aquelle dia, muito docemente, perguntou-lhe:

—Sente-se muito mal, pois não sente, minha irmã?

—Ai não me chame irmã. Tive uma, é verdade; mas eu não sou digna de que a senhora me dê esse nome.

—E', pois não é; mas diga-me está muito mal...

A pobre enferma não respondeu. Tinha cahido n'um estado letargico.

Elizabet de Jesus desapertou-a um pouco; tirou-lhe um grosso trapo immundo que lhe envolvia o pescoço...

—Ah! a minha irmã! O' Julia?

Ella acordou do spasmo.

—Pois és tu? Desgraçada, infeliz...

As duas irmãs gêmeas ambas tinham, no pescoço, um signal bem característico e bem igual.

—Eu logo te conheci. Não me chames irmã, que o não mereço.

—Deus hade perdoar-te. Tom esperança, e socega. A enferma principiou a chorar muito.

—Mas, como chegaste a esse precipicio?

Com a cabeça repleta de ideias estonteantes e o coração vazio de sentimentos religiosos! Chegou ao precipicio da desgraça, porque não teve quem lhe amolçasse o coração aos sentimentos da moral e da virtude; porque deu larga redea aos instinctos da carne, e nunca olhou para cima, para Deus...

Porque, quem olha para o Alto não cêe no precipicio.

7—10—93

Silva Esteves

## A AZYLADA

Nem uma estrella se via,  
Nem o luar despontava,  
A noite escura... chovia,  
E o vento sibilava.

E eu, sosinha, tremia  
cheia de medo, chorava.  
Só Deus era que me ouvia,  
Só Deus meus passos guiava.

Eu nasci sem ter um guia,  
Um sorriso, uma alegria.  
Minha mãe, Deus m'a levou!

E meu pao? Não sei quem era:  
Talvez um monstro, uma fera,  
De ter um filho... córou.

\*

E eu chorava, eu tremia;  
Ninguem de mim se lembrava;  
Minha infancia... uma agonia,  
Cheia de fome a passava.

Mas o sol, nascendo um dia,  
Tão alegre se elevava  
Que no meu peito sentia  
Uma esperança... sonhava!

Era o sol, a caridade,  
Que hafejando a orphanade  
Me cobria com seu manto.

E, agora, a desgraçada  
Sem patria, sem lar, sem nada,  
Tem sorrisos, não tem pranto.

Outubro de 93.

Plácido Lamella.



Inaugura-se hoje, n'esta villa, uma casa de educação para meninas pobres. E' mais um oasis de esperanças, stratificado n'esta ampl'ão tapetada de baixos egoismos, onde tanta rosa branca de neve sente maculadas as suas petalas setinosas.

Se acaso é verdade, como predisse Dumas, entusiasmado pela applicação á vida da lei do amor do proximo, que n'uma epocha pouco remota os homens serão invadidos *pela loucura, pela rava do amor*, nós fazemos votos, não que venha depressa essa loucura, porque nos desagrada tudo o que é desordenado e pathologico, porém que um altruismo benefico e consolador venha corrigi-



## A LAGRIMA

dentro em breve as agruras dos meandros da existência.

Abra-se portanto o confortavel edificio para bem estar e garantia futura das pequeninas desprotegidas da sorte e cubra o povo de Barcellos, com sinceras bênçãos, todos os que trabalharam para tão instante e carinhosa utilidade.

### A Redacção da «Ideia Nova»



Li algures que, «quando a educação e o ennobrecimento dos costumes não parte da mulher, a regeneração é impossível».

E é assim—pensando-se bem, attentando-se no que se vê.

\*

Nasce uma creança.

E' a mãe que a alimenta ou que vigia a alimentação d'ella. E' a mãe que lhe ensina a dar os primeiros passos, a proferir as primeiras palavras. E' a mãe que lhe assiste nas enfermidades. E' a mãe que lhe vigia o desenvolvimento physico e intellectual, que se afflige quando a vê triste e que ri satisfeita quando a vê alegre. E' a mãe que lhe vae incutindo, pelas palavras e pelos exemplos, os sentimentos que mais tarde hão de influir deveras no destino da mesma creança...

Sempre, sempre o contacto, o viver intimo entre a mãe e seu filho—muito principalmente na idade de que mais depende o futuro da creança, em que começa a formar-se o seu coração para o bem ou para o mal, idade que não mais esquece como não mais esquecem os ensinamentos então recebidos... Nessa idade, respire a creança mau ar, não se lhe cuide da educação physica—e os effeitos far-se-ão sentir sempre: deem-se-lhe maus exemplos, e o coração d'ella ficará para sempre pervertido.

Pois bem,

Como ha de a mãe incutir bons sentimentos no coração de seu filho, dar-lhe bons exemplos, dar-lhe educação—se por ventura ella não tem bons sentimentos, se por ventura ella não pode dar bons exemplos, se por ventura ella não tem educação, se cada um só dá o que tem?

A uma mãe sem educação, segue-se, pois, um filho sem educação. Segue-se um novo obreiro do mal...

E', infelizmente, a pura realidade.

\*

Eu ouço por vezes dizer—quando passo: «Não sei como fazer bom d'aquelle rapaz... por mais que lhe bata.»

Sim: bate-lhe, á pobre creança, muitas vezes por pequenas travessuras de que uma boa mãe talvez se risse e que em todo o caso desculpava.

Mas, se a creança profere palavras feias, se diz cantigas obscenas—muitas vezes porque as ouviu proferir ou as ouviu cantar á propria mãe,—não a reprehende, acha-lhe muita graça: e quantas vezes essa creança, que *tão bem* assim canta, não sabe ainda o PADRE NOSSO!...

Porque procede assim?

Porque a sua educação não lhe dá para mais; porque entende que educar é—evitar que a creança brinque e se desenvolva physicamente....

\*

Dir-me-ão porem:

Não é tanto assim; ainda resta o homem, o paó.

Puro engano.

O homem, embora bem educado, pode bem pouco contra a falta de educação da mulher.

O homem tem outra missão, tem outros deveres a cumprir.

De dia—moireja, trabalha, ganha muitas vezes o pão para o sustento diario do seu casal: quando por ventura vai a casa ás refeições, terminadas estas, ausenta-se.

E á noite—quando recolhe a casa encontra, ordinariamente, os fillos a dormir.

A' mãe, só á mãe, é que cabem todas as tremendas responsabilidades da primeira educação.

\*

Desenganem-se, portanto. Sem a educação da mulher, mas educação solida,—e a educação, para ser solida, tem forçosa e inevitavelmente de ser religiosa,—a sociedade ha de sempre apresentar-se nos tenebrosa e assustadora.

O futuro da sociedade depende d'essa educação.

São verdades—hoje incontestaveis.

E cada um de nós—trabalhando no sentido da educação da mulher—cumpre o seu dever de cidadão.

Joaquim G. Sá de Carneiro.



Luminosa ideia foi a da preta Victoria, heroica fundadora do piissimo Recolhimento do Menino Deus, que, entre nós, tem servido de asylo á virtude. Sublime e grandiosa a obra d'ella—praticando assim a caridade á sombra da Igreja!

Seus bellos beneficios na sociedade se foram espalhado, chegando agora até ás creancinhas orphãs que vão allí buscar a educação religiosa e preparar-se para o trabalho, que é a principal virtude.

Adorada seja sempre a memoria d'aquella santa fundadora do Recolhimento do Menino Deus—uma verdadeira gloria para Barcellos!

Ludgero Ramires

**NOITE E DIA**

Li, algures, que «a vida, a arte e a sciencia são raios do mesmo sol».

O auctor concretisava, de certo, a Felicidade n'um astro de esplendidas irradiações.

Evocando, pois, este pensamento, direi que o recolher meninas pobres e em precarias circumstancias, para lhes fornecer os recursos indisponiveis ao seu desenvolvimento physico e á conservação da sua saúde, para lhes ministrar uma educação moral, profissional e intellectual, compativel com as suas facultades, e adequada ás necessidades sociais de momento, é, primeiro que tudo, o mesmo que abrir o caminho da ventura a creaturas que só podiam contar com a miseria e com a desgraça—tão arriscada se lhes tornava a existencia na calliginosa noite do desamparo—!

Assim pod erão ellas, coitaditas, aveshinhas sem ninho, sem luz encontrar guarida e conforto, passar dias alegres ao sol e pteccido da Felicidade e sentir aquellas consoladoras e fulgurantes irradiações do grande astro:—a vida, que é a saúde no corpo e na alma, a arte, que é o culto da belleza, e a sciencia, que é a luz da verdade.

Barcellos

*José J. Vieira Ramos.*



A bondosa instituição de educação e ensino, proximo a inaugurar-se, é uma esplendida manifestação de caridade.

Felicitando esta formosa villa, augusto berço da Casa de Bragança, por a fundar e possuir, orgulhoso, como seu filho, de a ver additar ás gemas valiosas de sua historia mais este florão radiante e singular, faço os mais intimos votos porque tão bello monumento de insigne piedade e illustração prospere incessantemente, produzindo para a moral, que é toda social, as mais excellentes e exuberantes flores e fructos.

Barcellos, 11—10—93.

*Fernando Simões Villaça.*



A caridade é a principal virtude christã. Amai uns aos outros—dizia e ensinava o Divino Fundador.

A esta virtude se devem todas essas instituições, que só por si constituem a gloria do christianismo, destinadas a acudir ás precisões e soffrimentos da humanidade.

Dar asylo e protecção á infancia desvalida, formar-lhe o seu coração, subministrar-lhe a educação religiosa, moral, e professional, para ser util a si e á sociedade, é de certo uma d'essas instituições a mais sublime, a mais conforme ao pensamento christão, e a mais proveitosa á humanidade.

Saudemos por isso todos a inauguração do Asylo de Infancia Desvalida do Menino Deus n'esta villa, e sejam para sempre commemorados quem iniciou o pensamento de tão benefica instituição, e todos os que concorreram para a sua realisação.

Barcellos, 5 de Outubro de 1893

*Eduardo Salazar.*



O sympathico estabelecimento, que hoje se inaugura, é o que pode dizer-se a conquista d'uma ideia generosa.

Realmente, nada mais generoso do que a caridade. E o Azylo d'infancia desvalida é a caridade personificada. Alberga e recolhe criancinhas desamparadas. Arranca-las da deladeira da desgraça, tirando-as da imminencia do abysmo, que só leva ao vicio e á perversão moral, e vai ministrar-lhes ainda os ensinamentos que levam á virtude, e o trabalho manual com que, mais tarde, essas infelizes poderão ganhar honradamente o necessario para sua subsistencia.

Duplamente sympathico, portanto, o Azylo d'infancia desvalida.

Este jornal, que, de ha muito, polia e propugnava por uma transformação no Recolhimento das Beatas, saúda a grandiosa obra da Commissão Administradora, e congratula-se pelo importantissimo melhoramento moral d'esta villa.

*A Redacção da Folha da Manhã.*



Todos se regosijam, todos saudam e todos cantam louvôres e hymnos de benções aos promotores, aos fundadores, aos instituidores do magnifico e excellento instituto que hoje se inaugura.

Tambem não posso deixar de juntar o meu canto singelo, voz dubia e mal sonora, n'esto concerto harmonioso e dulcissimo, louvando e commemorando uma instituição nobilissima, altruista, caritativa e verdadeiramente social.

A caridade é a primeira das virtudes.

Mas, como as virtudes são todas magnificas e excellentes, a caridade, que é primeira de todas,

## A LAGRIMA

è aquella com que mais pode sympathisar o artista, que veste blusa, que cinge o compenedor, e que vive, no meio, todo artista e todo trabalho. E' aqui, onde muitos se tornam amarellos e doentes; è aqui na forja d'um trabalho muitas vezes improbo, que se aprecia magnificamente a santa dedicação das almas bemfazejas.

Por isso, a esses benemeritos fundadores e instituidores do nobilissimo estabelecimento—O Azylo d'Infancia, o nosso sorriso, o nosso agradecimento, o nosso coração todo inteiro e sympathisante.

Barcellos. 17—10—93.

*Augusto Soucasaux.*



Uma creança é como a luz d'aurora. Tem nos sorrisos a luz hilariante das madrugadas rubras, d'uma sol vermelho, e a doce paz, serena e dulcificante, das quietudes campesinas, da cor das magnolias e das nemphares.

Mas as creanças desamparadas, orphãs, familias, que vivem na miseria e na desgraça, parecem-se com a rosa-chá, a que uma chuva impertinente fez cahir as folhas. Fazem lembrar uma tarde sonora, cheia de encantos, uma ladainha de versiculos mysteriosos; a que succede uma noite cheia da tristeza infinita da falta da luz, da carencia do ar, da ausencia da vida.

Como eu vos amo, loiras creanças sorridentes e felizes; e como eu vos lamento, abandonadas creancinhas desamparadas!

O dia para umas! A noite para outras!

+

Só o christianismo comprehendeu e realizou a verdadeira solidariedade social. Quando em todos os codigos, a mulher se despresava, e se olhava como um simples instrumento de prazer, o christianismo dignou-se tornando-a a companheira do homem, a paz do lar, a mestra da familia.

Ora, quem educa meninas orphãs e desamparadas, quem as cobre, quem as protege, vai com certeza pela esteira luminosa que Jesus sulcou. Vai pela estrada do Bem.

*J. do M.*



A caridade è a essencia do bem; è balsamo que mitiga grandes e profundas dores; è pharol que alumia os filhos da desventura; è manto alvissimo que cobre a orphandade; è remedio efficacissimo contra a miseria; è esperança dos tristes e consolação dos afflictos! Prodigiosa pa-

lavra a caridade! Quem a exerce sente estremecer consoladoramente a alma, sente-se feliz, porque continua a benefica obra do Bom Deus, e executa um dos seus mandamentos:—amar o proximo como a nós mesmos.

A caridade tem apostolos em todas as nações civilisadas, mas em nenhuma ha tantos como n'este bello e religioso paiz. Sim, nós, os portuguezes, possuímos sentimentos generosos, corações bondosos, sempre propensos á pratica do bem. E' ver as casas de caridade que com diferentes denominações se tem levantado no decorrer d'este seculo, onde se albergam os invalidos e os orphãos. Quem é que ahí os ampara e os guia, senão a caridade?

Barcellos, terra essencialmente hospitaleira e notavelmente religiosa, não podia deixar de tomar parte n'esta grata e utilissima obra, abrindo hoje as portas a um estabelecimento d'educação e ensino, a que deu o nome de Azylo d'Infancia Desvalida.

Bem hajam os seus nobres fundadores. Sejam eternamente louvados. E estae certos, senhores, que a sementeira que ora fazeis, em um futuro proximo, produzirá opimos fructos. Continuae a vossa obra, derrubado obstaculos e vencendo difficuldades. O dia de hoje é já para vós uma gloria, e, como tal, hade ficar memoravel, como gravados ficarão os vossos nomes na historia d'este caridoso estabelecimento.

Salvé, pois, dia 22 d'outubro de 1893! E—Gloria a Deus nas alturas e paz na terra aos homens.

Barcellos, outubro—93.

*Eduardo Lima.*



Mais vale prevenir a desgraça do que ter de a remediar, e o Azylo, cuja inauguração hoje solennemente se celebra, recebendo a infancia desvalida, não só a salva do infortunio presente, mas ainda lhe prepara a felicidade futura, educando-a e habilitando-a para a vida laboriosa, mas honrada e independente, do trabalho.

E, se essa nobilissima missão educativa for como é de esperar, habilmente dirigida e cabalmente desempenhada, o novo instituto virá a ser certamente um pudrão inmorredouro de gloria para os seus benemeritos fundadores e a posteridade não deixará de abençoar a sua obra de beneficencia.

Barcellos, 21—10—93.

*Incognito.*



EM CONCLUSÃO

Estas linhas não são de encomiastico louvor á grandiosa obra moral que Barcellos sauda hoje.

O que ahí fica; essa pleiade brilhante de conceitos, essa aureola aureolante de periodos limados, espirituos como a essencia d'uma magnolia, que fosse o botão vermelho da Legião d'Honra do proprio Espirito Santo, porque nada mais astral e divinal do que a ladainha da caridade—e todo o numero especial da «Lagrima» é uma ladainha melodiosa e balsamica da dulcissima virtude christã; todo esse perfume quente, d'onde se desenrola e enovela, em rôlos de carinho e gratidão, a alegria dos nossos collaboradores, e a sympathia perante a obra que hoje se inicia, grandiosa, benemerita, social e christã, fazem-nos emudecer a lingua, e abandonar, por desnecessaria e mal apparella, a penna.

Estas linhas são, portanto, simplesmente e unicamente para elles, para os nossos graciosos e amabilissimos collaboradores.

Este numero é para nós uma consolação e uma honra.

Uma consolação, porque vemos o espirito pensante de Barcellos—louvar e commemorar dignamente a inauguração do Asylo d'Infancia Desvalida.

Uma honra, porque honra estrema é para a «Lagrima» ver nas suas columnas nomes tão aureolados na litteratura portugueza como o de Alves Meades, o de Antonio Feijó, o de Alberto Pimentel, o do dr. Rodrigo Velloso e o de Julio Brandão. E honra mais excepcional ainda, porque todos os escriptos foram expressamente feitos para a «Lagrima», excepto o do distincto poeta Antonio Feijó, que já estava feito, mas que é inédito.

A todos, pois, aqui deixamos gravado o nosso cordialissimo agradecimento.

A Redacção.

